

Opiniões sobre nossos grandes adversários

Por Karen Rodrigues

Futebol é sinônimo de paixão para o jornalista, comentarista esportivo e palmeirense convicto, Mauro Beting. Um dos nomes mais respeitados da imprensa esportiva, ele lançou recentemente o livro *As Melhores Seleções Estrangeiras de Todos os Tempos*, pela editora Contexto. Em entrevista exclusiva à Folha Universitária, o jornalista que comenta a paixão nacional por vários veículos de comunicação fala sobre sua nova obra e faz comparações com a Copa do Mundo 2010.

Folha Universitária – Gostaria de saber como despertou o interesse para fazer o livro?

Mauro Beting – Esse livro é uma encomenda da Editora Contexto que está investindo desde o ano passado em livros de futebol. Lançou um no ano passado e está lançando o meu e o do Milton Leite este ano e vai lançar até antes da Copa mais quatro ou cinco livros da história do futebol de um modo geral. É mais ou menos nessa linha, o primeiro foi de técnico, os nossos dois agora, o meu e do Milton Leite, de seleções e os próximos só de melhores goleiros do futebol brasileiro, melhores camisas 10, livros históricos e também para gerar polêmica, como é natural do próprio futebol. Não só no futebol, mas na vida. Cada vez mais a gente adora fazer listas dos melhores e piores.

F.U. – Nesse livro você selecionou sete seleções...

M.B. – Sim, sete seleções estrangeiras. Como o livro do Milton Leite trata das seleções brasileiras, o meu era para seleções estrangeiras. Aí a gente, claro, estabeleceu, como qualquer seleção, alguns critérios. Então os meios básicos foram seleções de cada país importante ou que fez história importante no futebol. Aí já ficamos limitados aos campeões do mundo e ao mesmo tempo as seleções históricas que, se não ganharam títulos fizeram história como, por exemplo, a Hungria de 54 e a Holanda de 74. E não por acaso estão entre as melhores, se não são as melhores entre as sete. Justamente as duas que não ganharam entre as sete são talvez as melhores.

F.U. – Quanto tempo levou pra ficar pronto?

M.B. – O livro levou pouco menos de três meses. Foi uma loucura, porque é absolutamente pouco tempo e não deu para parar nenhum dos meus dez empregos. E não é figura de linguagem, eu trabalho em dez lugares diferentes. Então eu tive que escrever de madrugada, nos estádios, nos estúdios e contei com a ajuda de dois ótimos jornalistas, André Rocha e Dassler Marques, que me ajudaram em entrevistas, pesquisas, nas observações e coletas de dados. E também ao dono de um acervo fabuloso de um

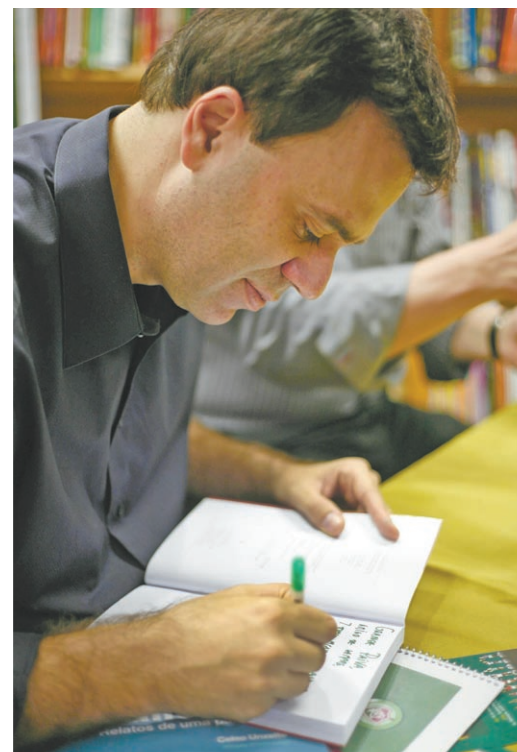
sujeito chamado Gustavo Roman, que tem mais de cinco mil filmes de futebol de jogos completos, na íntegra. A partir dele eu pude usar como material de estudo. Então eu pude ver e rever todos os jogos das seleções que estão no livro na íntegra. Fora os da Hungria de 54, que não tive acesso ainda às imagens que são realmente poucas e não são integrais. Mas vi jogos da Hungria de 53, então deu pra analisar bem não só o resultado em si, que claro é o que conta no futebol, mas não é sempre o que vale ainda mais numa obra como essa, mas também muito taticamente a formação das equipes com muitos detalhes dos jogos. O que é legal também é que em cada uma das partidas dessas sete seleções eu tenho a narração com o áudio ambiente, ou seja, o som da torcida. Então tem muita coisa legal que não passa batido nos relatos que a gente tinha dos atletas, treinadores, torcedores e jornalistas. Então dá pra ouvir o estádio na época. É muito divertido, algumas narrações são em húngaro, em holandês e é muito divertido ter acesso a isso.

F.U. – Bom, ano de Copa do Mundo e você tem muita credibilidade para falar de futebol. Então quem você acredita ser o favorito do mundial?

M.B. – Olha, o livro me ensinou muito. Muitos favoritos de véspera acabam ficando como peru, morrendo de véspera. O futebol também é maravilhoso e é fascinante por isso, nem sempre vence o melhor. É meio como a vida. Você pode fazer tudo certinho, no final dá tudo errado, ou às vezes pode nem fazer tudo muito certo e no final dá tudo muito certo. É mais ou menos como o Brasil do Dunga. Você pode até discutir as escolhas do Dunga, muitas das escolhas daqueles que ele chamou, muitos dos que estão ficando de fora e no final das contas está dando tudo certo. Não só pelo lado jornalista, não só como brasileiro e evidentemente e primeiramente um torcedor. Não é certeza, mas dá pra imaginar que, se tiver uma final lógica, as duas melhores seleções hoje são Brasil e Espanha. Não significa dizer que em julho seja. Porque a Copa do Mundo e o livro também mostram isso. É um festival de verão. No caso vai ser um festival de inverno africano e quem estiver melhor em julho vai ser o funcionário do mês. O que pode não ser eventualmente a melhor equipe.

F.U. – Dessas sete seleções que você cita no livro, tem alguma delas que você acha que se aproxima do futebol da seleção atual?

O jornalista Mauro Beting fala de suas seleções estrangeiras preferidas de todos os tempos, objeto de pesquisa para seu novo livro



M.B. – Ainda não. E graças a Deus que ainda não (risos). Porque eu respeito o time do Brasil e não necessariamente o admiro. A Inglaterra de 66 eu não admiro, respeito. A Argentina do Maradona eu não admiro, eu respeito demais, admiro demais o Maradona, mas não aquele time. Acho até que havia seleções melhores, mas que não foram campeãs e por isso elas não estão no meu livro. Mas só pra dizer que entre as sete, o Brasil talvez tenha alguma coisa da Itália de 82 e da Argentina de 86. Pelo comprometimento tático, por serem equipes muito discutidas antes da Copa começar e durante a Copa elas acabam resolvendo. Até que o Brasil não tem sido muito questionado, os resultados são inquestionáveis, mas a qualidade do futebol dá pra discutir. Então isso acontece. E mesmo no livro fala muito do Brasil porque a Holanda de 74 ganhou da seleção brasileira, Hungria de 54 ganhou do Brasil e sobre tudo a Itália de 82 venceu aquele maravilhoso time do Telê Santana. Então, dentro do possível eu falo muito, eu enalteço bastante aquele futebol do Brasil de 82.



Saiba mais:

Confira a entrevista na íntegra no hot site www.uniban.br/folha